

AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Gabriel Vighini Garozzi,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

José Francisco Chicon,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

Constitui-se em um estudo de caso do tipo etnográfico que objetiva identificar as ações pedagógicas realizadas pela professora de Educação Física para promover a participação do aluno com autismo nas aulas. Revela que a partir da construção de um planejamento mais sensível aos interesses do educando, com crença nas suas possibilidades de aprender, parece que, aos poucos, ele foi descobrindo na aula sentido para seus desejos e se interessando mais efetivamente pelas atividades realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Ações pedagógicas; Autismo; Educação Física.

INTRODUÇÃO

De acordo com o Censo Escolar da Educação Básica, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no ano de 2019, foram matriculados 166.620 estudantes com autismo² nas classes comuns de ensino das escolas regulares brasileiras (BRASIL, 2019).

Percebemos com essas informações quantitativas, que o número de alunos com autismo nas escolas tem aumentado, fato que era pouco comum em nossa realidade.

Pesquisas realizadas por Oliveira (2017) e Siqueira e Chicon (2016) revelam que, na escola, o professor, ao ministrar aula para uma turma regular com a presença de um aluno com autismo, precisa desenvolver estratégias de abordagem e de ação pedagógica que vão ao encontro das necessidades desse educando, além de outros apoios que se fizerem importantes, por exemplo, a presença de um estagiário, de um professor colaborador, a adoção de práticas inclusivas.

¹ O presente trabalho contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para sua realização.

² Não foram incluídas nesse dado outras especificidades que compõem o transtorno do espectro autista, por exemplo, a síndrome de Asperger.

Nesse contexto, encontramos também o professor de Educação Física. Entendemos que a Educação Física, como uma prática pedagógica que trabalha com os conteúdos que constituem a cultura corporal de movimento, como o esporte, a dança, as lutas, o jogo, a ginástica, entre outros (SOARES *et al.*, 1992), apresenta grande potencial na promoção da educação inclusiva no ambiente escolar.

Ao rever a literatura, na área da Educação Física, encontramos poucos estudos, como os trabalhos de Siqueira e Chicon (2016) e Oliveira (2017), que abordam o tema inclusão da criança com autismo nas aulas de Educação Física no meio escolar. Preocupados com essa lacuna nessa área de conhecimento, o estudo objetiva identificar as ações pedagógicas realizadas pela professora de Educação Física para propiciar a participação do aluno com autismo nas aulas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para a construção desta pesquisa, optamos pela realização de um estudo de caso do tipo etnográfico (ANDRÉ, 2005). Constituíram-se participantes do estudo uma professora de Educação Física, um estagiário (graduando em Educação Física) e 25 alunos do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental, com idades entre sete e oito anos, pertencentes a uma escola pública do município de Vitória/ES, um deles diagnosticado com autismo – sujeito foco do estudo.

Para o registro e produção dos dados, foram empregados três instrumentos: observação participante,³ filmagem das aulas observadas e anotações no diário de campo. Desse modo, a análise dos dados foi desenvolvida tendo por base a análise microgenética (GÓES, 2000) e como matriz teórica adotada, a abordagem histórico-cultural de Vigotski e colaboradores.

Partindo de uma análise inicial dos dados produzidos, identificamos dois momentos sistematizados pela professora em suas aulas com a turma, que mereceram nossa atenção: 1) momento da roda de conversa inicial da aula; e 2) momento da vivência com o conteúdo da ginástica. Contudo, por questões de delimitação, enfatizamos, na sequência do estudo, um episódio de aula característico do segundo momento, para uma análise mais aprofundada.

³ O pesquisador atuou de forma ativa junto a professora na organização do trabalho pedagógico para a turma.

AÇÕES PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS NO MOMENTO DA VIVÊNCIA COM O CONTEÚDO DA GINÁSTICA

O momento da vivência com o conteúdo da ginástica na aula é caracterizado com os alunos realizando as atividades pedagógicas organizadas pela professora, com base no conteúdo da ginástica geral, mais precisamente no ensino dos movimentos: estrela, vela, rolamentos, giros, saltos, paradas de mão.


No contexto inicial observado, percebemos que nesse momento da aula, Paulo⁴ (aluno com autismo) também apresentava dificuldades em participar das atividades propostas com os colegas. O educando gostava de ficar subindo nos objetos e descendo, realizar saltos, experimentar a textura de diferentes materiais, como o giz ou a superfície do colchonete, frequentemente escapava para outros locais da escola, além de expressar constantemente um olhar atento ao cenário à sua volta. Certamente, ainda não tinha encontrado na aula sentido para seus desejos e interesses.

Nesse cenário, uma estratégia desenvolvida consistiu em reorganizar a estrutura das atividades propostas, ofertando materiais e ações motoras que fossem ao encontro do interesse de Paulo. Assim, no trabalho envolvendo o conteúdo “rolamento para frente”, durante as aulas, a estratégia empregada pela docente consistiu em alterar o plano de altura para a realização do movimento, buscando aproveitar o interesse do aluno de subir nos objetos para aproximá-lo da atividade desenvolvida com a turma, como é possível observar no episódio a seguir:

EPISÓDIO: QUANDO SUBIR E ROLAR É LEGAL

Os alunos estavam sentados um ao lado do outro sobre a linha de fundo da quadra. Paulo sentou-se junto aos colegas, acompanhado pelo estagiário. Enquanto isso, o pesquisador e a professora organizavam os materiais para a aula. Foram colocados dois bancos (tipo daqueles que ficam em praças) um do lado do outro, com uma pequena distância entre eles. Próximo e na parte frontal dos bancos, foram organizadas três pilhas de colchonetes com três em cada uma, uns 15 centímetros abaixo da altura dos bancos, de forma que três alunos realizassem o exercício ao mesmo tempo. Assim, com os materiais e a turma organizados, a professora Marina chamou um aluno para demonstrar o rolamento, enquanto explicava as ações necessárias para realizar o movimento. Depois da explicação, a professora chamou os alunos de três em

⁴ Os nomes mencionados neste estudo são fictícios, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.




três para realizar a atividade. Quando Marina chamou Paulo e mais dois alunos para vivenciar a atividade, o educando, demonstrando alegria, saiu correndo em direção ao banco e subiu no objeto, pulando para a pilha de colchonetes e sentando depois na quina do encosto do banco. Ele apresenta fixação de subir e descer em objetos e locais altos e de ficar pulando entre eles. O estagiário, que continuou acompanhando o aluno, conteve-o para que ele não pulasse de volta para o colchonete e aguardou a orientação da docente para iniciar a atividade. Marina se aproximou de Paulo e o convidou para fazer o rolamento. Posicionou o menino no banco e disse-lhe: ‘1, 2, 3, vai, Paulo, coloca as mãozinhas no colchonete, encolhe o pescoço, faz a posição do sapinho’ (agachar). Com o menino posicionado, ela incentivou: ‘Vai, vai, vai, você consegue!’ Paulo fez o rolamento auxiliado por ela, que vibrou: ‘Aeeeeeee, parabéns!’ e bateu palmas para ele. O menino levantou-se eufórico, correu com entusiasmo em volta dos colegas, retornou para o banco, subiu e pulou na pilha de colchonetes retornando para experimentar o rolamento de novo. Com o acompanhamento e o incentivo da professora realizou o movimento por mais duas vezes (Diário de campo, 22-3-2019).

Em um primeiro olhar para a situação de aula, no momento em que Paulo e outros dois colegas foram convidados a realizar o rolamento pela professora, percebemos que assim que foi chamado, Paulo correu para o banco, subiu e saltou sobre os colchonetes com energia e um largo sorriso no rosto. Quando ia repetir o movimento, o estagiário o conteve e explicou que ele precisava ouvir a orientação da professora. Assim, a professora se aproximou de Paulo e o auxiliou na execução do rolamento, com palavras de ordem que orientavam sua conduta para a realização do movimento, palavras de encorajamento e incentivo, além de demonstrar vibração com o envolvimento dele na aula.

Entendemos que a postura apresentada pela professora é imprescindível para o trabalho pedagógico com crianças com autismo, indo ao encontro do pensamento defendido por Vygotski (1997) que ressalta a importância de se construir uma prática pedagógica que atenda às especificidades dos alunos e reconheça os diferentes percursos de aprendizagem.

Segundo Góes (2000), as dificuldades de interação do docente com alunos que apresentam deficiência/autismo têm impactos negativos em seu processo de aprendizagem, visto que esses sujeitos são aqueles que mais necessitam do engajamento do professor para permanecer mergulhados no processo de significação. Nesse sentido, a interação e a comunicação proativa demonstradas pela professora na relação com o aluno foram extremamente importantes para criar um ambiente alegre, acolhedor e motivador, estimulando a sua participação e mostrando-lhe possibilidades de brincar e aprender junto com os colegas.



Nessa perspectiva, também cabe salientar a importância do planejamento para a ação docente e nele o conhecimento sobre os alunos, construindo estratégias a partir dos interesses do educando. Utilizamos esses objetos do interesse da criança para motivá-la a realizar outras/novas experiências, alargando suas possibilidades de sentir, pensar e agir no ambiente (CHICON, 2013).

A partir do percurso desenvolvido com o aluno com autismo na situação destacada e acreditando nas suas possibilidades de aprender, concordamos com Orrú (2016, p. 155) quando diz:

[...] se cremos que nosso aprendiz com autismo é um sujeito que aprende, então vamos buscar meios de conhecê-lo melhor, vamos prestar mais atenção nos indícios que nos dá sobre seus interesses, para então com ele desenharmos seu percurso de aprendizagem. [...] porque cremos que é um sujeito aprendente, não um simples receptor de conteúdos, [...] mas sim um sujeito com possibilidades de aprender inúmeras coisas oportunizadas pela vida.

Para Vygotski (1997), essa influência do meio exercida sobre o desenvolvimento infantil é notável, portanto, se esse meio estiver organizado de modo empobrecido, o curso do desenvolvimento também o será.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, em nossas primeiras observações, que o aluno com autismo demonstrava resistência em participar com os colegas de turma dos momentos de aula constituídos pela professora. Contudo, notamos que, a partir da construção de um planejamento mais sensível aos interesses do educando, parece que, aos poucos, ele foi descobrindo na aula sentido para seus desejos e se interessando mais efetivamente pelas atividades realizadas.

Além disso, a postura de interação e comunicação proativa demonstrada pela docente na relação com Paulo e os colegas gerou um ambiente alegre, acolhedor e atrativo, que mobilizou o interesse do grupo pela atividade proposta e promoveu em Paulo um sentimento de acolhimento e pertencimento ao grupo.

PEDAGOGICAL ACTIONS FOR THE INCLUSION OF CHILDREN WITH AUTISM IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

ABSTRACT

It is an ethnographic case study that aims to identify the pedagogical actions performed by the Physical Education teacher to promote the participation of students with autism in classes. It reveals that from the construction of a more sensitive planning to the interests of the student, with belief in his possibilities of learning, little by little he was discovering in the classroom the sense of his desires and becoming more effectively interested in the activities carried out.

KEYWORDS: *Pedagogical actions; Autism; Physical Education.*

ACCIONES PEDAGÓGICAS PARA LA INCLUSIÓN DE NIÑOS CON AUTISMO EN CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

RESUMEN

Se trata de un estudio de caso etnográfico que tiene como objetivo identificar las acciones pedagógicas que realiza el docente de Educación Física para promover la participación de lo estudiante con autismo en las clases. Revela que a partir de la construcción de una planificación más sensible a los intereses del alumno, con fe en sus posibilidades de aprendizaje, poco a poco, fue descubriendo en el sentido de sus deseos e interesándose más eficazmente por las actividades realizadas.

PALABRAS CLAVES: *Acciones pedagógicas; Autismo; Educación Física.*

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.** Brasília: Líber Livro, 2005.

BRASIL. Inep. **Censo escolar, 2019.** Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso em: 22 maio 2020.

CHICON, José Francisco. **Jogo, mediação pedagógica e inclusão:** um mergulho no brincar. 2. ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013.

GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 20, n. 50, p. 9-25, 2000.

OLIVEIRA, C. R. **Educação física escolar e inclusão de alunos com transtorno do espectro do autismo**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com autismo**: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. Petrópolis: Vozes, 2016.

SIQUEIRA, M. F.; CHICON, J. F. **Educação física, autismo e inclusão**: ressignificando a prática pedagógica. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.

SOARES, C. L. *et al.* **Metodologia de ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras escogidas V**: fundamentos de defectologia. Tradução de Maria Del Carmen Ponce Fernandez. Madrid: Visor, 1997.